

A cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em Trás-os-Montes

The protohistoric Culture of «Berrões», with strong
roots in the province of Trás-os-Montes

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Prof. jubilado de Antropologia e Sociologia F. C. U. P.
Honorary fellowship — Epigraphic Society U. S. A.
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

À distinta arqueóloga madrilena, Guadalupe
Lopez Monteagudo, que se tem dedicado
ao estudo dos «verracos» espanhóis.

O. D. C.

Nos vários trabalhos que publiquei sobre os *berrões* do Norte de Portugal ⁽¹⁾ fui dando conta dos exemplares de que fui tendo conhecimento, recuperados, ou achados em pesquisas fortuitas.

No último trabalho em que me ocupei dos *berrões*, *Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-à-Cinta*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Por-

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

⁽¹⁾ O estudo global dos porcos de pedra ou seus pedaços fi-lo no trabalho *Cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, por J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. II, Vol. XII, Porto, 1975, págs. 353-515, 31 desenhos e com 100 fotografuras. Deste trabalho a Direc-

tuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, pág. 101 a 120, 15 figs., dei o número concreto dos berrões até então encontrados em Portugal, que eram 62.

Como mostra o mapa da fig. 1, os berrões do nordeste de Portugal são 57; no Entre-Sabor-e-Douro 39, no entre-Sabor e Tua 17 e no além Tua 1, pois há que eliminar os 2 de Mairós, que, como interpretei num dos meus trabalhos anteriores, são 2 cabeças, uma de lobo e outra de raposa, cravadas no alto da parede de uma casa da aldeia de Mairós, onde viveu o Abade de Baçal quando foi pároco daquela aldeia.

Aos 57 berrões, trasmontanos podemos juntar mais 5, a saber: 2 de Castelo Mendo, 2 de Fig. Castelo Rodrigo e 1 de Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira. Estes últimos são da faixa norte da Beira, a que podemos chamar Beira Trasmontana.

Deste modo, em sentido de concretização, pode-se dizer que dos 62 berrões, até então achados no nosso país, 57 são estritamente trasmontanos, e 5 da Beira Trasmontana.

ção-Geral dos Assuntos Culturais, publicou o livro *Berrões proto-históricos no nordeste de Portugal*, Lisboa, 1975, 167 págs. com os mesmos desenhos e as mesmas fotografuras do trabalho anterior. Do mesmo trabalho se publicou o livro *Berrões proto-históricos do nordeste de Portugal*, com capa do pintor Guilherme Camarinha, Porto 1975, com o mesmo número de págs., os mesmos 31 desenhos e as mesmas 100 fotografuras dos trabalhos anteriores. As pequenas tiragens destes 2 livros rapidamente se esgotaram.

Indicam-se a seguir os trabalhos que publiquei sobre os berrões de que fui tendo conhecimento ou achados em pesquisas fortuitas. *Novos elementos da remota Zoolatria em Trás-os-Montes* por J. R. dos Santos Júnior, in «Trab. de Antrop. e Etnol.», Fasc. I, Vol. 23, Porto, 1977, págs. 5-18, 8 desenhos e X Est. com 18 Fotografuras. *Mais um berrão da zona do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)*, in id., Fasc. I, Vol. 24, Porto 1981, págs. 101-120, 15 Figs. *Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo*, in id., Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, págs. 156-159, *Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza*, in id., id., id., id., págs. 159-164. *A remota Zoolatria e a lápide do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)* in id., Porto, 1983, Fasc. 3.º Vol. 24 págs. 526-532, 3 Figs. *The «berrões», proto-historic stone statues of the boars, worshipped as idols, object of zoolatry*, por J. R. dos Santos Júnior, in id., id., id., id., págs. 533-537.

Pode pois dizer-se que a grande maioria dos Berrões achados no nosso país é da zona provincial trasmontana, porquanto só há 3 minhotos, 2 do Castro de Sabroso ⁽¹⁾, em depósito no museu da Sociedade Martins Guimarães, e 1 de Paderne (Melgaço).

Aos 62 berrões, concretamente everiguados, alguns dos quais estão depositados no Museu Etnológico Nacional (Lisboa-Belém) e outros no Museu Municipal de Bragança, é lícito juntar mais alguns, assinalados por reiterada tradição ou informações de outra natureza, que se nos afiguram fidedignas, e a seguir se indicam.

a) — Berrãozinho do Monte de Sta. Luzia (Feixo de Espada-à-Cinta).

Corre na tradição local que, aquando da plantação do amendoal que reveste quase totalmente o Monte do Castro de Santa Luzia, apareceu um berrãozinho, que o seu achador, com mira no tesouro que nele estivesse escondido, num acesso de cobiça ansiosa, mal o topou logo o fez em estilhas. A plantação de amendoeiras não deve ter muito mais de 80 anos.

Com mais este seriam 63 os berrões de Trás-os-Montes.

b) — Porções ou fragmentos de berrões.

O P.º J. Augusto Tavares, em 1897, conseguiu obter gratuitamente os *berrões* que havia, junto da aldeia das Cabanas de Baixo, no *Olival dos berrões*, onde os descobriu. Fê-los transportar em carro de bois até à estação do Pocinho e despachou-os para o Museu Etnológico em Lisboa.

A primeira notícia deste notável achado foi dada pelo seu descobridor, P.º Augusto Tavares, no artigo *Archeologia do Distrito de Bragança*, publicada no Vol. I do «Acheólogo Português», Vol. I, Lisboa, 1895 pág. 126-129. Nas págs. 127-128 em pequeno capítulo intitulado «Figuras de Pedra representando porcos» informa que no *olival dos berrões* havia «seis figuras

(1) De Sobroso um é a parte do focinho sem dúvida de porco e uma cabeça que por certas particularidades se nos afigura que não parece ser de porco.

de granito representando porcos, — algumas em bom estado de conservação, *outras já partidas e outras incompletas desde a sua origem ou apenas esboçadas pelos fabricantes delas*». Acrescenta ter aparecido, ou ter sido visto, um rebanho de bacorinhos também de granito, um pouco mais ao sul no cume de um pequeno outeiro, bacorinhos que não conseguiu encontrar apesar de diligentemente procurados. Acrescenta que «entre tantas figuras de suínos só apareceu a de uma fêmea e a de um bacorinho» (o itálico é nosso).

Por seu lado Leite de Vasconcelos, no Vol. III das *Religiões da Lusitania* págs. 25-28, refere com louvor a acção do P.º J. Augusto Tavares, que, «em 1897, após grande trabalho seu, conseguiu obter gratuitamente para o Museu Etnológico onde já estão, todos os berrões do Olival, em número de sete, melhores ou piores, não contando fragmentos de outros». (o itálico é nosso).

Escrevi ao Museu Etnológico de Belém, mas a respectiva direcção, não chegou a esclarecer-me se ali existiam, ou não, os tais *berrões partidos ou incompletos*, e o *bacorinho*, referidos pelo P.º J. Augusto Tavares no seu trabalho, *Archeologia do Distrito de Bragança*, cit..

Concretamente sabe-se, pelo que acabamos de expor, que com as «figuras representando porcos» apareceram outras incompletas ou esboçadas», que foram também mandadas pelo P.º J. Augusto Tavares a Leite de Vasconcelos, que refere a entrada no Museu Etnológico «de todos os berrões do Olival, em número de sete, melhores ou piores, não contando fragmentos de outros».

Nem o P.º J. Augusto Tavares nem Leite de Vasconcelos indicaram o número desses fragmentos.

Suponho licito admitir que seriam talvez 5 ou 6, mas eram pelo menos 2 e será este o número que junto aos 63 apurados, o que eleva o seu quantitativo para 65.

c) — O *bacorinho* que o P.º J. Augusto Tavares, mandou para o Museu de Belém entra na conta e, com ele, são 66 os berrões trasmontanos.

d) — O rebanho de bacorinhos das Cabanas de Baixo que o P.º Augusto Tavares não encontrou, apesar de diligentemente procurados, podem computar-se em número sem dúvida hipotético, mas plausível. Sabe-se que as porcas em cada parição têm com frequência 8, 9 e 10 leitões, e não raras vezes.

Podemos, por hipótese, supor que seriam 6. Estes 6 juntos aos 66 anteriores, fazem 72,

e) — A crer no que reza a tradição, em Parada de Infanções, freguesia do concelho de Bragança, além do touro de pedra no adro da igreja paroquial, um outro berrão está incorporado na parede da igreja, e um terceiro berrão teria sido levado para Vale da Porca.

Ver meu livro, *Berrões proto-históricos no nordeste de Portugal*, cit. pág. 39.

São portanto mais 2 tradicionais berrões, que juntos aos anteriores perfazem 74.

f) — Há mais um berrão metido na parede da cave da casa do Sr. Manuel José Falcão, de Vila de Sinos, o que eleva o seu número para 75. Ver meu livro cit. pág. 101.

g) — Há ainda, e também de Vila de Sinos, a informação corrente dum residente que trabalhou no calcetamento da rua da aldeia. Contou-me que para regularizarem o leito da rua foram buscar terra ao adro da igreja. Ao fazerem o desaterro descobriram uma sepultura e junto dela «4 ou 5 porcos de pedra, pequerruchos, que esfarraparam, e os pedaços foram fazer calçada». Podemos assim juntar 4 ou 5 aos 74 anteriores, e assim teremos 79 ou 80 berrões trasmontanos. Ver meu livro cit., pág. 102.

O facto de, até à data se poder, presumivelmente, contar 79 ou 80 *berrões*, achados ou referenciados em Trás-os-Montes e na faixa beiroa justa-trasmontana, leva a pensar no porquê de tão grande número de *berrões* no Nordeste, e especialmente concentrados na faixa meridional trasmontana confinante pelo

sul, com o rio Douro. Entre os rios Douro e o Sabor estão registados 39 (Fig. 1); entre o Sabor e o Tua 17, e além Tua, no entre Tua e Tâmega, 1. Estes 57 estão concretamente assinalados (Fig. 1). Os restantes 16 ou 17 registam-se por serem consideradas fidedignas as respectivas tradições e informações.

As estatuetas, ou seus pedaços, de porquinhos e de touros, achadas em Trás-os-Montes são outro elemento flagrante na proto-história de Trás-os-Montes.

Assim estão indicados no meu citado livro, os seguintes berrõezinhos: 1 de Tralhariz; 1 das Cabanas de Baixo; 9 do Castro do Monte de Santa Luzia; 1 da Açoreira (berroazinha de talco); 2 do Cabeço da Coraceira; 1 da Quinta de Santiago; os 5 pequerruchos (sic) aparecidos no adro da igreja de Vila de Sinos, que foram quebrados e os seus pedaços a fazer calçada (Vid. livro cit., pág. 102); mais 2 da Vila de Sinos que foram adquiridos pelo Dr. Casimiro Machado e enviados ao Museu de Bragança, onde se encontram.

Os 79 ou 80 berrões, foram, quase todos, aparecidos em Trás-os-Montes, pois só cinco, os 2 de Almofala, o de Peredes da Beira ⁽¹⁾ e os 2 de Castelo Mendo, foram achados ao sul do rio Douro, na faixa beiroa, que, pelo norte, é fronteira a Trás-os-Montes. Tal número corresponde a mais de um terço do total de 200 (ou pouco mais de 200) berrões assinalados no noroeste da Espanha, na ampla e típica zona castreja peninsular.

Atentando nos 25 ou 26 berrõezinhos, com o comprimento, em média de 30 cm, que não podem deixar de ser considerados senão como pequenas estatuetas votivas, julga-se que tais estatuetas poderão ser consideradas como miniatura caseira do animal a que se prestaria veneração e culto.

(1) O porco de pedra de Peredes da Beira (Berrão Proto-histórico) por Agostinho Campos Ferreira & Maria Clara Figueiredo C. Ferreira, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. II e III, Vol. 23, págs. 340-345 e 6 Figs.

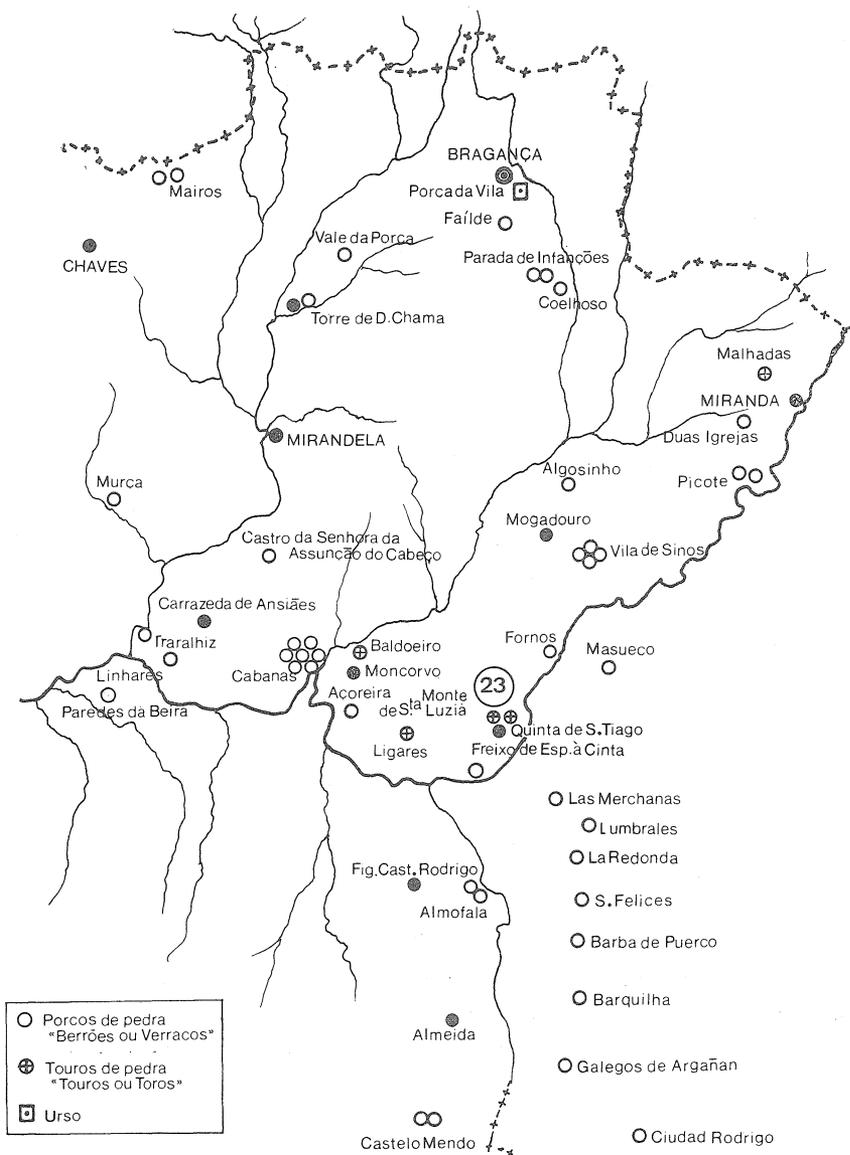


Fig. 1 — Os berrões do nordeste de Portugal, na grande maioria porcos. Os outros são 4 touros, 1 bode e 1 urso.

As grandes estátuas, há-as com 2 metros de comprimento, seriam veneradas em monumentos como o descoberto em Picote em forma de palmatória, e o de algures na Galiza, em cujo assinalado recinto circular estava colocado o animal. Pode admitir-se que no monumento de Picote, por assim dizer colectivo, se prestaria culto com a deposição de oferendas. (Ver meu livro cit., pág. 76-90.

Quanto aos berrõesinhos pode admitir-se que tais miniaturas do animal tutelar seriam alvo de iconolatria doméstica.

A primeira coisa que impressiona é o grande número de berrões, digamos a sua concentração no nordeste de Portugal, ou seja na província de Trás-os-Montes.

Há muitos mais berrões em Espanha, mas distribuem-se pelas 5 províncias da Cáceres, Salamanca, Zamora, Leão e Galiza, qualquer uma destas com área talvez proximamente igual, se não maior, à área de Trás-os-Montes.

O desenho da (Fig. 1) mostra a distribuição dos berrões localizados no nordeste de Portugal.

O grande número de berrões, 79 ou 80, até à data assinalados no Nordeste de Portugal, quase todos aparecidos em Trás-os-Montes, permitem considerar esta nossa província como um importante centro de florescimento espiritual do culto zoolátrico, documentado por algumas dezenas de estátuas e estatuetas, suas miniaturas, quer de porcos quer de touros, quer de outros animais: uma de urso (porca da vila de Bragança) outra de bode (cabeça de cabra ou de bode do Castro do Baldoeiro) e outras de javalis.

O achado de Picote (Ver meu livro cit. 76-90), monumento em forma de palmatória, de câmara circular, onde a meio estava entronizado o berrão, seguida de corredor de 9 metros de comprimento, cuja escavação forneceu numerosos fragmentos de ossos de vários animais e pedaços de pratos e vasos de barro, atesta que aquele porco se pode considerar um ídolo, ao qual se prestaria culto em cerimónias rituais com a deposição de oferendas.

Pelo conjunto dos elementos verificados na escavação, pode concluir-se que o monumento de Picote seria como que um templo em que se prestava culto ao porco divinizado.

Quanto aos berrõesinhos trasmontanos, que se podem computar em 27 ou 28, quase todos muito pequenos, porquanto o seu comprimento oscila, em média, entre 25 e 30 cm de comprimento, são estatuetas, ídolos, réplicas do deus tutelar, para ter em casa como entidade venerável, de mágico poder protector extensivo talvez às pessoas, às casas e a todos os seus haveres, conseqüentemente também aos seus gados.

Como referi no meu Livro cit., no capítulo *Cronologia e Etnografia*, pág. 156-161, arrimado ao trabalho do grande arqueólogo espanhol Bosch Gimpera, *Los celtas em Portugal y sus caminos*, em «Homenagem a Martins Sarmento», miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranente, no centenário do seu nascimento, 1833-1933, Guimarães, 1933, págs. 54-72, 2 Figs., emiti o parecer de que seriam da tribo pré-céltica dos *Draganos*, os estatuários dos berrões trasmontanos.

Como Bosch Gimpera expõe na pág. 61 do seu trabalho, que acabamos de referir, «los *draganos* viviam *bajo el maximo septentrion*» para dentro dos *Sejes*, e mais para o interior os *pernix lysis*, que não podem interpretar-se senão com o grupo lusitano. Confinando pelo norte com os *Lusitanos*, opina Bosch-Gimpera, viviam os *draganos*, povo pré-céltico, que habitava *ardui colles do campo de Ofiusa, sub nivoso maximo septentrion*, que não podiam estar situados senão na região que é hoje Trás-os-Montes.

Bosch-Gimpera admite que a região trasmontana no Séc. VI a. C. seria habitada essencialmente pelos *draganos*, e acrescenta, ser bem possível, que os celtas não tivessem ocupado Trás-os-Montes, afastado dos grandes caminhos. Conseqüentemente os *draganos* subsistiriam no seu território histórico, nas regiões mais ásperas e arredias.

Se assim foi, como é possível que tenha sido, a influência céltica sobre os *draganos* deve ter sido fraca, ou mesmo muito fraca e de pouca duração.

Deste modo pode pôr-se a hipótese de os *berrões* de pedra de Trás-os-Montes serem pré-célticos, e possivelmente devidos a estatuários pré-célticos ou mesmo a seus antecessores.

Pelo que fica exposto, sem estabelecer generalizações, que seria tentado a fazer, supomos que têm razão aqueles que consideram os berrões de pedra proto-históricos como manifestações dum velho culto zoolátrico castrejo, no qual, animais, considerados sagrados, eram adorados como deuses tutelares.

Julgo poder considerar a cultura dos *berrões* como notável manifestação de ordem espiritual, com fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos e nas regiões limítrofes da Espanha.

O grande número de berrões achados em Trás-os-Montes, e a possibilidade de estudos complementares e de novas descobertas poderem vir a exaltar, mostram esta nossa tão castiça província, cheia de relíquias etnográficas e arqueológicas, como um importante centro de florescimento espiritual do culto zoolátrico, e, quiçá, como um núcleo da criação de cultura dos *berrões*.